

BEBÊS PLURAIS: UM RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA FRANCESA DO TRABALHO COM BEBÊS

*Cleide Vitor Mussini Batista*¹

 <https://orcid.org/0000-0002-2213-1496>

*Erika Parlato-Oliveira*²

 <https://orcid.org/0000-0003-4500-8498>

Resumo: O presente artigo tem por objetivo relatar o trabalho clínico, educacional e hospitalar com bebês: uma experiência francesa. Na última década, passamos a ter acesso a uma literatura acerca das chamadas "competências" dos bebês, que indagam as concepções mais clássicas de um bebê passivo e "nada" provocador. Essas descobertas apresentam um bebê que nos faz interrogar os diferentes olhares em torno deste sujeito. Quem é o bebê falado pelos estudiosos? Como é pensado e falado este bebê por aqueles que se ocupam dele nos ambientes: clínico, hospitalar e educacional? Quem é este bebê que nos fala? Frente a essas indagações, elencamos a questão-problema: O que o bebê tem a nos ensinar? Como metodologia, utilizamos a pesquisa bibliográfica e o relato de uma experiência francesa do trabalho com bebês. Participaram desta experiência doze profissionais e suas equipes, cada qual expondo e tecendo considerações acerca do trabalho desenvolvido com os bebês e seus cuidadores e, ainda, cinco instituições de atendimento e acompanhamento e seus cuidadores. No primeiro momento, abordamos os saberes acerca do bebê do século XXI. A seguir, trazemos alguns recortes elaborados a partir dos diálogos realizados com os profissionais e os pesquisadores que se debruçam em torno das questões clínicas, educacionais e hospitalares sobre o bebê. Então, descrevemos o trabalho realizado por estes profissionais que atuam com bebês.

Palavras-chave: Bebês; Cuidadores; Serviços; Experiência Francesa.

¹Pós-Doutora em Psicologia pela USP e em Psicanálise pela UFPB. Docente do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: cler@uel.br.

²Professora da Pós-graduação na Universidade da França- Paris. Membro do Conselho Administrativo da WAIMH, do ICE e da La Cause des bébés. Diretora científica do stiInstituto Langage. E-mail: eparlato@hotmail.com.

PLURAL BABIES: A REPORT OF A FRENCH EXPERIENCE OF WORKING WITH BABIES

Abstract: This article aims to report clinical, educational and hospital work with babies: a French experience. In the last decade, we began to have access to a literature about the so-called "competences" of babies, which question the more classic conceptions of a passive baby and "not at all" provocative. These discoveries present a baby that makes us question the different looks around this subject. Who is the baby spoken by scholars? How is this baby thought and spoken of by those who take care of him in the environments: clinical, hospital and educational? Who is this baby that speaks to us? Faced with these questions, we listed the problem-question: What does the baby have to teach us? As a methodology, we used bibliographical research and the report of a French experience of working with babies. Twelve professionals and their teams participated in this experience, each exposing and making considerations about the work developed with babies and their caregivers, and also five care and follow-up institutions and their caregivers. At first, we approach the knowledge about the baby of the 21st century. Below, we bring some clippings elaborated from the dialogues carried out with professionals and researchers who focus on clinical, educational and hospital issues about the baby. Then, we describe the work carried out by these professionals who work with babies.

Keywords: Babies; Caregivers; Services; French Experience.

BEBÉS EN PLURAL: RELATO DE UNA EXPERIENCIA FRANCESA DE TRABAJO CON BEBÉS

Resumen: Este artículo tiene como objetivo relatar el trabajo clínico, educativo y hospitalario con bebés: una experiencia francesa. En la última década empezamos a tener acceso a una literatura sobre las llamadas "competencias" de los bebés, que cuestionan las concepciones más clásicas de un bebé pasivo y "nada" provocador. Estos descubrimientos presentan un bebé que nos hace cuestionar las distintas miradas en torno a este tema. ¿Quién es el bebé del que hablan los estudiosos? ¿Cómo es pensado y hablado este bebé por quienes lo cuidan en los ambientes: clínico, hospitalario y educativo? ¿Quién es este bebé que nos habla? Ante estos interrogantes, enlistamos la pregunta-problema: ¿Qué tiene que enseñarnos el bebé? Se utilizó como metodología la investigación bibliográfica y el relato de una experiencia francesa de trabajo con bebés. Doce profesionales y sus equipos participaron de esta experiencia, cada uno exponiendo y haciendo consideraciones sobre el trabajo desarrollado con los bebés y sus cuidadores, y también cinco instituciones de atención y seguimiento y sus cuidadores. En un primer momento, nos acercamos al conocimiento sobre el bebé del siglo XXI. A continuación, traemos algunos recortes elaborados a partir de los diálogos realizados con profesionales e investigadores que se enfocan en temas clínicos, educativos y hospitalarios sobre el bebé. A continuación, describimos el trabajo que realizan estos profesionales que trabajan con bebés.

Palabras clave: Bebés; Cuidadores; Servicios; Experiencia Francesa.

Introdução

“Deixar-se ir ao desconhecido”
Marie Claire Busnel

Na última década, passamos a ter acesso a uma literatura acerca das chamadas "competências" dos bebês, que indagam as concepções mais clássicas de um bebê passivo e “nada” provocador. Essas descobertas apresentam um bebê que nos faz interrogar os diferentes olhares em torno deste sujeito.

No decorrer do ano de 2020, com a “chegada” da pandemia de COVID-19 e a necessidade de confinamento da população de um modo geral, muitos pesquisadores buscaram por ferramentas que promovessem o encontro e continuassem o diálogo acerca dos estudos e pesquisas de modo remoto, ou seja, um presencial *on-line*. Vencida a barreira da não possibilidade de interagir com o outro, os encontros presenciais *on-line* viabilizaram a ruptura espacial, possibilitando os encontros com mais diversos estudiosos pelo mundo afora.

Quem é o bebê falado por estes estudiosos? Como é pensado e falado este bebê por aqueles que se ocupam dele nos ambientes: clínico, hospitalar e educacional? Quem é este bebê que nos fala? Frente a essas indagações, elencamos a questão-problema: O que o bebê tem a nos ensinar?

Desse modo, o presente artigo tem por objetivo relatar o trabalho clínico, educacional e hospitalar com bebês: uma experiência francesa. Como metodologia, utilizamos pesquisa bibliográfica e relato de uma experiência francesa do trabalho com bebês. Participaram desta experiência doze profissionais e suas equipes, cada qual expondo e tecendo considerações acerca do trabalho desenvolvido com os bebês e seus cuidadores e, ainda, cinco instituições de atendimento e acompanhamento e seus cuidadores.

No primeiro momento, abordamos os saberes acerca do bebê do século XXI. Na sequência, trazemos alguns recortes elaborados a partir dos diálogos realizados com os estudiosos e pesquisadores que se debruçam em torno das questões clínicas, educacionais e hospitalares sobre o bebê. Então, descrevemos o trabalho realizado por estes profissionais que desenvolvem seus serviços com bebês.

O que os bebês nos ensinam?

Para além dos discursos, aprendemos com este sujeito, o bebê, nosso professor, acerca dele mesmo. Pensando no bebê como nosso professor, recorreremos a Trevarthen, Aitken e

Gratier (2019), quando afirma que o bebê é uma criatura inventiva, criadora de sentidos e de interação com os outros.

Muitos estudos e trabalhos contribuíram, nos últimos anos, como da pioneira Dolto (1988) e, posteriormente, de Haag (1992, 1997), Golse e Amy (2020), Vanier (2013), Boukobza (2011), Szejer (2013), Parlato-Oliveira e Szejer (2019) e Laznik (2011, 2021), entre outros, com a Clínica de Bebês. Os pesquisadores criaram um campo de atuação que permite escutar os bebês em um tempo quando a fala articulada na língua ainda não se encontrava presente ou, ainda no segundo ano de vida, era muito rudimentar.

Considerando que não sabíamos muito acerca do bebê, elementos novos foram trazidos, por meio de estudos e pesquisas de Trevarthen (2011), Trevarthen e Parlato-Oliveira (2021), Trevarthen Aitken e Gratier (2019), Busnel (2011, 2019), Busnel e Melgaço (2013), Dupoux (2011), Parlato-Oliveira (2010, 2019, 2020, 2022), Nagy e Molnarb (2013) e Guellai *et al.* (2020), que evidenciam que o bebê é competente desde o nascimento. Porém, isso certamente não é de conhecimento de todos. Por fidelidade à letra de Freud e de Lacan, ainda partem do pequeno no seu desarvoramento, na sua prematuridade constitutiva, confundindo o registro biológico, no qual isso de fato ocorre, com o registro de seu anseio por comunicar, o que aprendemos atualmente.

Nos últimos 40 anos, pesquisadores do campo do desenvolvimento infantil desenvolveram trabalhos que ampliaram de forma drástica como compreendemos a linguagem dos bebês. Entre eles, destacamos os estudos de Busnel (2011, 2019), Busnel e Melgaço (2013), Trevarthen (2011), Trevarthen e Parlato-Oliveira (2021), Trevarthen, Aitken e Gratier (2019), Dupoux (2011), Gratier (2011, 2021), entre outros, que mostram que os bebês, antes da língua materna se consolidar, executam várias formas de ações comunicativas do campo da linguagem, em que sons, gestos, tonicidades, movimentos e olhares compõem uma linguagem multimodal. Essa linguagem é uma forma complexa de expressão que, depois, o sujeito procura ampliar pela fala.

Pensando nesse bebê que faz, temos pesquisadores como Busnel (2019), pioneira na sensorialidade do feto; Trevarthen, Aitken e Gratier (2019), pensando na musicalidade narrativa e que traz como tema central a questão da intencionalidade do bebê, reconhecendo que o que o bebê faz é intencional; Parlato-Oliveira (2019, 2022) e o bebê produzindo o tempo todo, com o conceito de multimodalidade da linguagem, que permite interpretar as produções do bebê e o que o bebê faz é uma produção do bebê, não como resultado da nossa

ação específica, mas como construção complexa que envolve diferentes modos para interpretar e produzir linguagem.

Com base nisso, o bebê fala e fala o tempo todo, a questão é como o adulto escuta. Além disso, há os estudos de Emese Nagy e Peter Molnarb (2013), com as pesquisas acerca da capacidade de imitar e da intencionalidade do bebê de interagir, convocar e provocar outro para a interação; e Bahia Guellai *et al.* (2020), salientando o bebê como intérprete das pessoas, do entorno e do mundo.

Evidencia-se a importância de olhar para o bebê, considerando o sujeito em sua subjetividade e singularidade, a fim de compreender o sentido da manifestação de tais atos em cada situação ou contexto. Além disso, permite entender a trama que cada um constrói, ou não, a partir do que viveu, de modo a ampliar as possibilidades de intervenção, na medida em que considera a especificidade dessas manifestações e atos, caso a caso, buscando seus sentidos, ou seja, lendo-os como uma forma de expressão. Tais postulados permitem analisar nas produções do bebê, outrora tomados como sem sentido, uma expressão e um discurso de um sujeito dotado de linguagem, em busca de um intérprete que o reconheça como tal.

Atualização do Trabalho com Bebês: a experiência francesa

O acolhimento de profissionais brasileiros para conhecer o trabalho clínico, hospitalar e educacional com bebês na França vem sendo realizado por Erika Parlato-Oliveira, ao longo de duas décadas. É promovida uma semana intensa de visitas que abarcam o diálogo com os diferentes profissionais que atuam com bebês e pesquisadores que desenvolvem seus estudos acerca do bebê. Assim, possibilita observação dos espaços e dos serviços desenvolvidos.

Dialogamos com os profissionais e pesquisadores, a saber: Myriam Szejer (psiquiatra, psicanalista); Florence Jaskierowicz (psicanalista da Maison Verte); Marie Claire Busnel (pesquisadora); Muriel Chauvet (psicomotricista); Sonia Ayoch (psiquiatra do Centre Hospitalier Theophile Roussel); Véronique Filatriau e equipe (psicanalista da Unité Parents-Bébé de Saint-Denis); Marie Christine Laznik (psicanalista da Association Lacanienne Internatinal); Erika Parlato-Oliveira (psicanalista e professora da Université Paris Cité); Charlotte Abaoul e equipe (coordenadora da Maison de Prents de Suresnes); Catherine Saint-Georges (psiquiatra da Unité Vivaldi-Hopital Pitiè-Salpêtrière); Audrey Moureau (psiquiatra do Hopital de Bruxelles); e Marie Couvert (psicanalista da Unité Parents-Bébés Clairs Vallons).

Observamos a dinâmica de trabalho dos lugares: Jardin des Roos (Maison Verte); Escola de Medicina; Clínica de Psicomotricidade; Centro Hospitalar Théophile Roussel; Unidade de acolhimento pais-bebê Saint Denis; Associação Lacaniana Internacional; Espaço dos pais e creche; Unidade Pequena Infância e Parentalidade Vivald (Pitié Salpêtrière); Unidade pais bebê Huderf (Bruxelas). Assim, ficamos diante de psicanalista, psicólogo, psiquiatra, fonoaudiólogo, psicomotricista, todos atuando à escuta do bebê no que ele tem a dizer.

Um pouquinho da experiência

Esta experiência de diálogo e observação dos trabalhos desenvolvidos com os bebês e com os bebês e seus cuidadores nos provoca a pensar qual o lugar que o bebê ocupa na cena clínica, hospitalar e educacional. A partir das indagações iniciais deste artigo: Quem é o bebê que nos fala? Como é pensado e falado este bebê por aqueles que se ocupam dele nos atendimentos clínico, hospitalar e educacional? O que o bebê tem a nos ensinar? tecemos a escrita em torno desta experiência.

De uma conversa a outra, retomam-se as contribuições os e constructos de estudiosos como Dolto, que se pôs a falar com os bebês e sustentar a ideia do bebê como sujeito em potencial, mesmo que, para a época, talvez tal ideia fosse inconcebível. Mas, a partir de certas “loucuras”, provocou-se um olhar para o sujeito que se apresentava, e que contribuiu para as construções teóricas e muitas pesquisas no século XXI.

A escuta atenta acerca da clínica e pesquisa suscitou provocações, indagações e contribuições acerca dos temas em torno do bebê. Trazemos, assim, fragmentos dessas falas, para o leitor também se sentir provocado a pensar em torno desses pensamentos e elucubrações.

- **Myriam Szejer:** acerca de prematuridade, transgeracionalidade, abandono, adoção, trouxe exemplos de situações perinatais em que o adoecimento do bebê ou sua desorganização funcional se devia a fatores da história familiar e como a intervenção psicanalítica permitiu "a todos melhor ocupar o seu lugar". Com isso, cada um faz o que pode com sua história; e a fala é a chave para tudo isso, a palavra é que vai fazer pensar; a palavra tem efeitos.

-**Florence Jaskierowicz (psychanalyste da Maison Verte):** Maison Verte é um espaço de acolhimento e escuta aberto aos familiares; os pais podem ir e vir, ao sabor de sua vontade, sem a necessidade de agendamento prévio, marcações de consulta etc. Aberto nas tardes de

segunda a sexta, o lugar é sustentado por trios fixos de acolhedores oriundos de formações diversas. Trata-se de um espaço livre para o brincar e o explorar, local “intermediário” entre o íntimo da célula familiar e as primeiras socializações infantis, onde são acolhidas as palavras e os gestos, as hesitações e as inquietudes, as angústias e os temores, as questões, os sentimentos e as histórias dos bebês, assim como seus pais e suas famílias.

-Marie Claire Busnel: pesquisa sobre a sensorialidade do bebê intraútero, as competências do feto quanto ao tato, olfato, gustação, sistema auditivo, visual, intersensorialidade, ritmos circadianos, memória e vida afetiva; a voz materna, como nominar a fala personalizada endereçada ao bebê para além do “manhês”. Atualmente, tem muitas questões: o pensamento da mãe tem influência no feto antes do último trimestre?

-Muriel Chauvet: desenvolve alguns trabalhos com Marie Christine Laznik. A abordagem utilizada é a sensorio-motora de André Bullinger; o bebê tem um equipamento e terá que dar conta de todas suas entradas sensoriais. Também, somos a entrada sensorial para o bebê. Nós mudamos o meio ambiente físico, o que pode servir de apoio para o bebê, não sendo qualquer material, mas um apoio: físico, psíquico e material, e como o próprio corpo pode agir e servir como instrumento. O espaço não é um dado biológico, e sentir o corpo no espaço é o que constrói este espaço. A criança não é uma garrafa que a gente enche, não servindo fazer um colar de conta com a criança se ela ainda não tem domínio de seu próprio corpo. Há a importância dos pais se fazerem presentes durante toda a sessão.

-Sonia Ayoch: alguns profissionais, ainda, não veem a necessidade de atendimento mãe e seu bebê. Por isso, há a necessidade e importância de formação; acompanhar a mãe a fazer com seu bebê e não fazer por ela; o trabalho em parceria; a formação dos profissionais da UBS para afinar o encaminhamento; leva-se um tempo para observar a criança sem dizer nada; a psiquiatria poderia cuidar das questões somáticas; escutar o que o paciente quer fazer com a vida dele, a partir da doença que porta; sentar e conversar com os pais, e não culpabilizá-los; atribuir um saber a esses pais: você sabe mais do seu filho que nós da equipe, e vai nos ajudar muito; estar mais próximo da família; trabalho de proteção materno infantil – sensibilização em torno da maternidade; não esquecer do pai durante o parto – depressão paterna – não é, muitas vezes, levado a sério.

-Véronique Filatriau e equipe: relatos de mães que vinham à consulta falar, mas não era suficiente; dispositivo é a mãe ter um tempo de consulta, uma vez por semana, por meio período com três profissionais: enfermeiro, puericultura e psicólogo; tudo ocorre por meio de

um encontro, sem um preparo anterior à consulta, mas a partir do momento, na relação dos pais com as crianças, entre as crianças e os pais; assiste-se, muitas vezes uma atualização da infância dos pais; ocupar-se da tríade.

-Marie Christine Laznik: sobre o equipamento inato do bebê; esses bebês terem tanta dificuldade com a dor e as alergias; alergias para quem tem dor e é mais sensível; trabalho com a neurovisão. Acredita-se na farra e não no campo educativo. Há dificuldade em organizar o equipamento motor que acompanha a família toda. Para fazer um autismo, precisa de muita coisa.

-Erika Parlato-Oliveira: propõe uma psicanálise viva; aposta na formação do que investimos, no que pensamos; a transdisciplinaridade do saber; o reconhecimento do sofrimento psíquico do bebê. Ser sujeito não é o resultado da ação do outro, mas o que o bebê faz com essas ações, por meio de seus atos interpretativos; o bebê exerce uma função ativa a todo momento, explorando seu entorno de forma multimodal, por meio de um processo perceptual, mesmo na ausência do outro; a possibilidade de atendimento e acompanhamento de forma presencial *on-line* do bebê e seus cuidadores.

-Charlotte Abaoul e equipe: políticas em torno da família; le coccon – ninho; a ideia é promover um laço social, um lugar de trânsito para a criança, pois vive muito (somente) com os pais longe da parentalidade; o não julgamento – cada pai faz o que pode; trabalho de escuta; atividades propostas: ateliês, café dos pais, cabanas das mulheres com o intuito de escuta dos pais; carregar o bebê não só fisicamente, mas psiquicamente.

-Catherine Saint-Georges: a primeira consulta médica permite: compreender o caso, o acolhimento terapêutico que dura duas horas, os pais podem vir sem hora marcada. Observar a criança com seus pais e as crianças com outras crianças permite ter um olhar pluridisciplinar; dispositivos de co-terapia e terapia em grupo; trabalho com a questão da separação e do apego com os pais. Cada sessão tem um tema previsto: separação, compreender a necessidade da criança; trabalho em rede; escutar a mãe acerca do que dizem de seu bebê; a proteção da infância; o trabalho preventivo para as mães que possam ter crises ou estão em tratamento psiquiátrico; reunião em creches para discutir acerca da criança.

-Audrey Moureau: ninguém melhor do que a família para dizer o que a criança precisa; explicam o que vai acontecer com a criança naquele dia – fazendo uso de um fantoche coruja (Madame Chouette)

Foi observado o trabalho desenvolvido de quatro espaços, um espaço de acolhimento pais e criança e crianças-crianças: Jardin des Roos (Maison Verte); um espaço educacional: creche; e três espaços hospitalares de atendimento: Centro Hospitalar Théophile Roussel; Unidade de acolhimento pais-bebê Saint Denis, Unidade Pequena Infância e Parentalidade Vivald (Pitié Salpêtrière), Unidade pais bebê Huderf (Bruxelas). Segue-se um breve relato dos espaços de atendimento.

- Jardin des Roos (Maison Verte)

Foi fundada por Françoise Dolto, psicanalista francesa, em 1979. Tem como objetivo acolher os pais na solidão própria de se viver em um grande centro urbano e ajudar a oferecer palavras que acompanhem o processo de desenvolvimento de seus filhos. Para os pequenos, é um espaço para auxiliar a desfazer os nós tão comumente criados com a entrada no mundo compartilhado e, não menos importante, para brincarem e, assim, descobrirem sua criatividade.

É um lugar de convívio, de brincar e falar, onde não há necessidade de relatar sintomas, nem promover a educação. Neste espaço, tudo o que é dito sobre as crianças é dito também às crianças, com o objetivo de auxiliá-las, inserindo palavras onde há rupturas e provações.

Figura 1 - Jardin des Roos



Fonte: Arquivo das Autoras (2023).

O trabalho consiste em facilitar às crianças a expressão e a elaboração das questões e problemas que experimentam, bem como facilitar aos pais a expressão das dúvidas e conflitos que surgem, a partir da experiência de parentalidade. Além disso, criam-se outras possibilidades de aprender e experienciar a vida social, por meio do convívio com outras crianças e adultos, da fala, da colocação dos afetos em palavras que se faz uma intermediação da troca de experiências entre as mães e as crianças.

O trabalho é desenvolvido para crianças de até três anos e sempre acompanhadas de um adulto tutelar. No espaço, há três regras fundamentais: a da linha vermelha, a do avental de

plástico e a da necessidade de acompanhamento da criança por um adulto responsável. Não têm o intuito de adestramento e, muito menos, fazer proibições a todo o momento. Podem ser transgredidas e servem, entre outras coisas, para permitir a identificação da criança com o adulto, também submetido a regras.

- Espaço creche - *Le coccon*

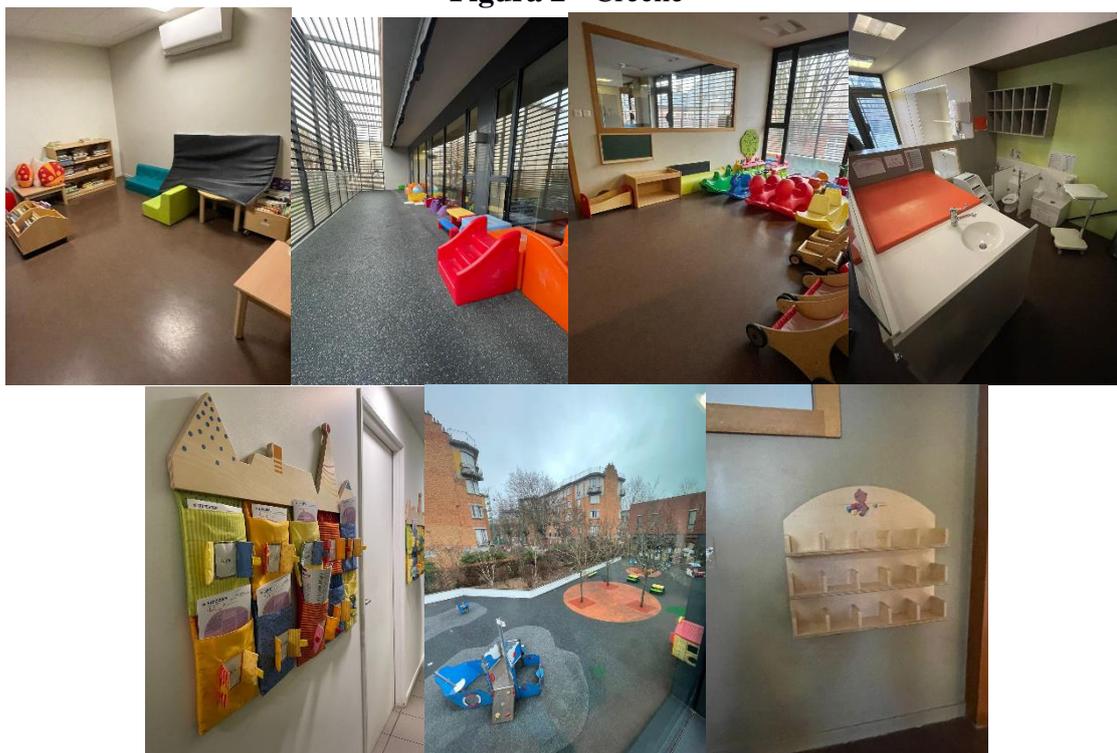
A creche Espace des parents Suresnes (*Le coccon* - o casulo), em que o casulo de recursos e apoio é dedicado a apoiar todos os pais, independentemente da idade da criança. Charlotte é a responsável pelo lugar desde a abertura há 14 anos; Caroline é a educadora, auxiliar da área dos pais.

No espaço, a política familiar é muito importante. Eles estão muito interessados em trabalhar com/na família. Duas estruturas têm especificidades: o serviço do relógio de cuco é especializado no atendimento a adolescentes, violência doméstica e crianças deficientes; e o Centro perinatal – apoio ao período perinatal

Ao contrário do Brasil, onde há muita transmissão familiar, na França as famílias vivem isoladas. A criança vivencia uma separação que não ocorre em outros espaços. É também um local de despertar para a criança, sem designação de profissionais, sendo terapêutico. Encontram-se para um trabalho relacional, antes que haja um problema inquisitivo, uma espécie de prevenção primária das crianças. Nesse espaço, privilegiam-se: interações sociais, jogos de idiomas, ambiente de segurança, estrutura educacional.

Segue a proposta de Winnicott – para a criança ter segurança para abrir-se para o exterior. O local tem uma função materna e, por vezes, paterna (a importância da separação entre a criança e os pais). São abordados os temas: desejo de um filho/gravidez; vida de casal; os pais e a criança, unindo os dois.

Figura 2 - Creche



Fonte: Arquivo das Autoras (2023).

Há, também, um horário mais específico para os pais: café dos pais, hora do chá, ponto de escuta dos pais – uma psicóloga atende de forma anônima e sigilosa, ouve e orienta se necessário. Os pais têm direito a quatro sessões e, se necessário, são encaminhados para um serviço específico, com encontros-debates com profissionais. E, ainda, existem os projetos futuros: a cabana das mulheres; o tempo de discussão entre mulheres grávidas; o tempo para trocas entre jovens mães e bebês; as férias dos pais; os gestos diários; o café dos pais; as oficinas solo e casal; e o casal nisso tudo?

- Centro Hospitalar Théophile Roussel

O Centro Hospitalar Théophile Roussel está localizado em um vasto parque de 32 hectares, com uma grande variedade de espécies vegetais. Foi inaugurado em 25 de junho de 1895, quando o estabelecimento pretendia substituir a prisão parisiense de La Petite Roquette, que recebia menores delinquentes. A partir de 1902, foi transformada em escola de preservação, a primeira do gênero na França, e passou a se chamar Théophile Roussel. E, desde 1974, tornou-se um estabelecimento público de saúde mental especializado em psiquiatria infantil e adulta.

Figura 3 - Centro Hospitalar Théophile Roussel - parte externa



Fonte: Arquivo das Autoras (2023).

O serviço conta com o serviço da psiquiatria (psiquiatria infantil – 68 leitos e 116 vagas em hospital-dia e psiquiatria geral – 74 leitos e 40 vagas em hospital-dia), onde são atendidos aproximadamente 4.772 crianças e adolescentes e 2.859 adultos. Ainda, tem quatro intersetores e uma Unidade pai-filho. Trabalham, neste Centro Hospitalar, 650 pessoas.

O centro conta com: Perinatal ambulatorial – perinatalidade associada à infância (0-2 perinatal); Serviços de ambulatório – consultas CMP (centro médico-psicológico) CMPI (infantojuvenil). Existe uma parte chamada nascimento, ocupada com a perinatalidade e uma equipe móvel chamada Milky Way – criada durante a Covid. As unidades pais-bebês foram desmobilizadas para atender pacientes com Covid.

Ao contrário das outras unidades, as instalações foram utilizadas para proteger os mais frágeis. O projeto de acolhimento mãe e bebê é transformado em hospital-dia, para acolher a saúde mental materna, pois muitos profissionais apresentam dificuldade em compreender a interação mãe-filho, em identificar e dar sentido à relação, deixar a mãe fazer, e não fazer por ela. Não é da mesma forma que na maternidade. Ou seja, na unidade, a diferença é que há sempre um pediatra que trabalha muito próximo ao lactente.

Figura 4 - Centro Hospitalar Théophile Roussel - parte interna



Fonte: Arquivo das Autoras (2023).

Neste pavilhão, são atendidas crianças que apresentam transtornos psíquicos, no formato de uma educação terapêutica.

-Unidade de acolhimento pais-bebê Saint Denis

É um espaço com uma escuta dirigida à delicadeza da clínica materno-infantil, onde o tratamento psicanalítico opera para que as crianças com mães psicóticas possam se construir como sujeito, e não como puro objeto ligado à mãe. Apresenta um trabalho com efeitos de prevenção.

Figura 5 - Unidade Saint Denis



Fonte: Arquivo das Autoras (2023).

-Unidade Pequena Infância e Parentalidade Vivald (Pitié Salpêtrière)

Catherine Saint Georges é a psiquiatra responsável pela escala PREAUT – unidade Vivaldi, para 0-3 anos com seus pais. Não trabalham com crianças sem seus pais. A porta de entrada é uma consulta com o médico, podendo ser dúvidas com os pais, dificuldades da criança. Isso permite avaliar as necessidades e entender a dúvida que surge.

O acolhimento terapêutico acontece à segunda-feira de manhã – momento de observação e terapia com duração de duas horas. As famílias podem vir sem hora marcada, mas, também, prescrever horário com o médico. Um dos objetivos é observar as crianças com os pais, com profissionais e com outras crianças. Conta com uma equipe que permite um olhar multidisciplinar sobre a situação: psicomotricista, psicólogo, educador, assistente social, puericultura, estagiários etc., que se reúnem todas as quintas-feiras.

Oferece, ainda, diferentes suportes: psicoterapia; psicomotricidade; consulta com a enfermeira do berçário (sono, dieta, envolvimento da mãe na paternidade etc.). A educadora de crianças pequenas trabalha mais em risco autista – com parentalidade na vertente educacional, formada em Denver e PAC (vídeo-feedback para orientar os pais); dispositivos de coterapia e de grupo: coterapia – dois profissionais cruzados (complementar) –; consultas em dupla, se necessário; grupos: grupo de apego (apego) – que trabalha em 6 sessões para trabalhar a questão da separação e apego com a mãe, o pai, com material um tanto teórico, filmes, dando dados para pensarem juntos. Cada sessão tem um tema planejado; grupo de orientação sobre abandono – quando as mães não estão atentas e adaptadas às necessidades da

criança, dar apoio para que ela possa cuidar de seu filho; grupo para crianças com transtornos somáticos, atrasos no desenvolvimento, dentre outros.

Figura 4 - Unidade Vivaldi - Pitié Salpêtrière:



Fonte: Arquivo da Autora (2023).

Durante o tempo de acolhimento, é oferecido um espaço de fala, ou seja, uma liberdade de fala.

- Unidade pais-bebê Huderf (Bruxelas)

A ala da Unidade pais-bebê está dividida em duas: 1-crianças com risco de autismo; 2-pais/bebês. A equipe conta com dez profissionais: psiquiatria, educadora especializada, *sage femme* etc.

Na ala pais-bebês, os pais com seus bebês frequentam o espaço duas vezes por semana, ficando por até duas horas e meia antes da entrada da criança na creche. São atendidas seis famílias diariamente. A família pode vir por demanda própria, pois considera-se que ninguém melhor do que a família para dizer o que ela precisa.

O trabalho da equipe conta com a casa da Madame *Chouette* (coruja) (Figura 6), que vai passando o ovo, e fala quem está de posse dele. A coruja explica às crianças o que vai acontecer no dia.

Figura 6 - Unidade Huderf



Fonte: Arquivo da Autora (2023).

Há um momento de separação pais – crianças, quando a coruja acompanha os pais, e os pássaros as crianças. No reencontro das crianças com seus pais, devolvem o pássaro para a Madame *Chouette*. Ao final, a coruja dá um beijinho em cada criança. Encerramos esta breve exposição do que foi escutado, dialogado e observado, e esperamos ter aguçado e provocado o desejo em saber um pouco mais dos serviços, bem como conhecê-los.

Conclusão

Com base em todos esses saberes acerca do bebê, afirmamos que não é sem efeitos no fazer de cada um, seja na clínica, no hospital, na creche. Os serviços de atendimento às crianças e aos bebês e seus pais desenvolvidos na França e no Brasil se diferem em vários aspectos. A criança, na França, pertence ao Estado, e não aos pais, mas, por outro lado, esses pais têm uma responsabilidade fundamental: fornecer uma estrutura abrangente e tranquilizadora com referências claras e estruturantes aos filhos.

Em relação aos serviços de clínica, hospital, creche, um dos elementos importantes e que ressaltamos é o não julgamento das famílias, de modo a poder pensar acerca: Como encontrar um equilíbrio entre o papel de pais e o lugar desejado na sociedade?

Dentre tantas falas, destacamos, também, a posição dos profissionais, de não saber, “não sabemos sobre os pacientes, eles carregam conhecimento sobre sua condição, é assim que pensamos sobre a criança.” “Você sabe mais sobre seu filho do que nós.” Nesse posicionamento, os profissionais auxiliam as famílias a pensar, e não fazer os pais se sentirem culpados.

Os profissionais recebem formação anualmente, ou seja, o profissional tem direito, no mínimo, a uma formação por ano. Na França, é obrigatório um treinamento contínuo, e o

profissional é obrigatoriamente formado em seu horário de trabalho. Tudo é financiado pelo Estado.

Esta pluralidade nos remete a pensar na complexidade do trabalho com bebês e seus cuidadores e, ainda, do reconhecimento deste bebê como um sujeito de linguagem, que faz uso de uma linguagem multimodal, por meio do corpo, de seus movimentos e suas expressões para comunicar, falar de si e do entono. Foi uma experiência ímpar e de grande importância e relevância. Por fim, isso revela o bebê como protagonista e sua percepção do mundo e da cultura e, ainda, evidencia que ainda sabemos pouco do bebê, que tem muito a nos ensinar.

Referências

BOUKOBZA, Claude. A relação de uma mãe psicótica com seu filho: acompanhamento de um caso mãe-bebê em um hospital dia. In: LAZNIK, Marie Christine; COHEN, David (org.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 15-22.

BUSNEL, Marie-Claire. Marie Claire Busnel, uma vida dedicada aos bebês. In: PARLATO-OLIVEIRA, Erika; SZEJER, Myriam (org.). *O bebê e os desafios da cultura*. São Paulo: Instituto Langage, 2019. p. 13-28.

BUSNEL, Marie-Claire. O desenvolvimento da sensorialidade fetal. In: LAZNIK, Marie Christine; COHEN, David (org.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 23-34.

BUSNEL, Marie-Claire; MELGAÇO, Rosely Gazire (org.). *O bebê e as palavras: uma visão transdisciplinar sobre o bebê*. São Paulo: Instituto Langage, 2013.

DOLTO, Françoise. *Psicanálise e pediatria*. Tradução de Álvaro Cabral. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1988.

DUPOUX, Emmanuel. Percepção da fala nos bebês. In: LAZNIK, Marie Christine; COHEN, David (org.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 71-78.

GOLSE, Bernard; AMY, Gilbert. *Bebês, maestros, uma dança das mãos*. São Paulo: Instituto Langage, 2020.

GRATIER, Maya. As formas da voz: o estudo da prosódia na comunicação vocal mãe-bebê. In: LAZNIK, Marie Christine; COHEN, David (org.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 79-84.

GRATIER, Maya. Do sentimento de filiação à aprendizagem cultural: intersubjetividade, assinatura e estilos. In: PARLATO-OLIVEIRA, Erika; TREVARTHEN, Colwyn (org.). *Bebê, corpo e ação*. São Paulo: Instituto Langage, 2021. p. 261-272.

GUELLAI, Bahia; HAUSBERGER, Martine; CHOPIN, Adrien; STRERI, Arlette. Premises of social cognition: newborns are sensitive to a direct versus a faraway gaze. *Science Reports*, London, v. 10, n. 1, p. 9796, jun. 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-020-66576-8>. Acesso em: 13 jun. 2023.

HAAG, Günter. Como o espírito vem ao corpo: ensinamentos da observação referentes aos primeiros desenvolvimentos e suas implicações na prevenção. *In: HAAG, Günter. Observação de bebês: os laços de encantamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HAAG, Günter. L'expérience sensorielle fondement de l'affect et de la pensée: l'expérience sensoriell de l'enfance. *Cahiers du C.O R.*, [s. l.], n. 1, p. 71-112, 1992.

LAZNIK, Marie Christine. *Clínica de bebês: litoral entre psicanálise e neurociências*. São Paulo: Instituto Langage, 2021.

LAZNIK, Marie Christine. Linguagem e comunicação do bebê até três meses. *In: LAZNIK, Marie Christine; COHEN, David (org.). O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 79-84.

NAGY, Emese; MOLNARB, Peter. Homo imitations ou homo provocans? modelo de imprinting a partir de imitação neonatal. *In: BUSNEL, Marie-Claire; MELGAÇO, Rosely Gazire (org.). O bebê e as palavras: uma visão transdisciplinar sobre o bebê*. São Paulo: Instituto Langage, 2013. p. 53-74.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. Como falam os bebês? explorações sobre a fala e o campo da linguagem na clínica com bebês. *In: BARBOSA, Denise Carvalho; PARLATO-OLIVEIRA, Erika (org.). Psicanálise e clínica com bebês: sintoma, tratamento, interdisciplina na primeira infância*. São Paulo: Instituto Langage, 2010. p. 125-138.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. *O bebê e as tramas da linguagem*. São Paulo: Instituto Langage, 2020.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. Psicanálise e autismo: o que nos fala este sujeito?. *In: OLIVEIRA, Gleisson do Carmo; FREIRE, Marina Horta; PARIZZI, Betânia; SAMPAIO, Renato Tocantins (org.). Música e autismo: ideias em contraponto*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2022. p. 57-78.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. *Saberes do bebê*. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika; SZEJER, Myriam (org.). *O bebê e os desafios da cultura*. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

SZEJER, Myriam. O bebê excluído da fala. *In: BUSNEL, Marie-Claire; MELGAÇO, Rosely Gazire (org.). O bebê e as palavras: uma visão transdisciplinar sobre o bebê*. São Paulo: Instituto Langage, 2013. p. 108-134.

TREVARTHEN, Colwyn. Desenvolvimento da intersubjetividade no primeiro ano de vida. *In: LAZNIK, Marie Christine; COHEN, David (org.). O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 117-126.

TREVARTHEN, Colwyn; AITKEN, Kenneth J.; GRATIER, Maya. *O bebê nosso professor*. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

TREVARTHEN, Colwyn; PARLATO-OLIVEIRA, Erika (org.). *Bebê, corpo e ação*. São Paulo: Instituto Langage, 2021.

VANIER, Catherine. Os mecanismos operantes no desenvolvimento psíquico do bebê prematuro e os riscos eventuais de patologia. *In*: BUSNEL, Marie-Claire; MELGAÇO, Rosely Gazire (org.). *O bebê e as palavras: uma visão transdisciplinar sobre o bebê*. São Paulo: Instituto Langage, 2013. p. 59-74.

Recebido em: 16 de agosto de 2023

Aceite em: 04 de setembro de 2023